

# **O PAPEL DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO EM CAMADAS POPULARES: CONSTRUINDO UM PERFIL DAS FAMÍLIAS DO BAIRRO DA CONPEL, EM POCINHOS-PB.**

Maria da Guia Costa Araújo.  
Graduada em Pedagogia – UEPB

Jameson Ramos Campos  
Mestre em educação – UEPB

## **1. Introdução**

A construção de um perfil dos agrupamentos familiares que participaram da pesquisa nos ajuda a compreender o lugar social a partir do qual e no interior do qual estas famílias constroem imagens, uma representação social de escola e de educação e criam, definem ou estabelecem estratégias de escolarização de seus filhos. A construção desse perfil nos permite compreender que essas famílias estão sujeitas a algumas regularidades tanto do ponto de vista de sua origem e condição social, como em termos de estilo de vida. Permite-nos também compreender como as regularidades que caracterizam estes núcleos familiares se encontram na base das disposições de pensamento e ação desses grupos. Nogueira e Nogueira (2004) nos mostra, por exemplo, que o desempenho escolar dos alunos não depende simplesmente dos dons individuais de cada um, mas também da origem, da condição social e da herança cultural desses sujeitos. Além do mais, esse lugar de vida social influencia diretamente na maneira como essas famílias lidam com a educação de seus filhos, tanto em termos de estratégias como nas diferentes formas de investimento.

Para a construção desse perfil estamos considerando, em primeiro lugar, a origem e a condição social desses sujeitos. Neste momento, nos utilizamos de algumas variáveis como número de membros e composição do grupo familiar, profissão do pai e da mãe, naturalidade e escolarização dos pais, renda do grupo familiar, entre outras. Em segundo lugar, este perfil considerou também o estilo de vida adotado pelo grupo familiar, um “[...] sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (Bourdieu, 1983. p. 82), e que são próprias de um determinado grupo. Quanto à dimensão do perfil, consideramos algumas variáveis como o que eles costumam fazer nos finais de semana, o tipo de programação que costumam assistir na TV, o que fazem para se manter informado, o tipo de moradia e os bens móveis que possuem, a participação na vida política e religiosa, entre outros aspectos.

Para a construção desse perfil, utilizamos as informações coletadas por meio de um **Questionário de Caracterização**. As respostas aos questionários foram inseridas no banco de dados do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Science for Windows*). O tratamento dos dados foi feito com base em análises de frequência e no desenvolvimento de tabelas cruzadas para estabelecer uma associação entre variáveis significativas para essa construção.

## 2. A família e seu perfil

Participaram de nossa pesquisa um total de 33 famílias, número que corresponde a 10% do total de agrupamentos familiares que residem no bairro da CONPEL, localizado no município de Pocinhos-PB. De acordo com os dados, há uma variação muito significativa no que se refere ao número de pessoas que compõem cada grupo familiar. Este número varia de 3 (9,1%) a 10 pessoas por família (3%). Em nossa amostra, no entanto, o número de indivíduos por agrupamento familiar tende a se concentrar mais fortemente no intervalo entre 4 e 6 pessoas. Podemos notar também que as famílias com 5 componentes são as mais numerosas, o que corresponde a 39,4% do total, conforme podemos ver na tabela abaixo (TABELA 01).

**TABELA 01: Número de membros do grupo familiar**

<b>Número de membros</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
03 pessoas	03	9,1
04 pessoas	05	15,2
05 pessoas	13	39,4
06 pessoas	05	15,2
07 pessoas	02	6,0
08 pessoas	03	9,1
09 pessoas	01	3,0
10 pessoas	01	3,0
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>100,0</b>

Se considerarmos, por outro lado, a média de indivíduos por família, os dados apontam para um número bastante alto em relação à tendência nacional. Entre as famílias do CONPEL, a média atinge 5,5 pessoas por família, número bem acima dos apresentados pelo IBGE que aponta para uma diminuição do tamanho da família brasileira em todas as regiões do país. Segundo os dados desse instituto, passamos de 4,3 pessoas por família em 1981 para uma média de 3,3 pessoas em 2001<sup>1</sup>. Esse número elevado de pessoas por unidade familiar se

<sup>1</sup> IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 1981 a 1989, 1990 a 2001. IBGE.

deve, em parte, ao também elevado índice de fecundidade no interior dos arranjos familiares do bairro. Enquanto no Brasil “[...] o rápido declínio da fecundidade vem jogando papel decisivo na queda do tamanho médio dos arranjos domésticos” (BERQUÓ, 1998. p. 124), chegando, em 1991, a uma média de 2,5 filhos por família, no bairro do CONPEL essa média chega a 3,5 filhos por grupo familiar. A alta taxa de fecundidade parece ser mesmo a melhor explicação para o tamanho dessas famílias uma vez que o número de parentes ou agregados abrigados no interior desses arranjos é muito pequeno. Famílias com sobrinho, com nora e neto e com cunhada somam juntas apenas 9% da amostra, o que quer dizer que apenas 3 famílias dispõem desse tipo de arranjo.

No que diz respeito a composição básica do grupo familiar, os números mostram que 88% das famílias que participaram da pesquisa são do tipo casal com filhos, sejam eles biológicos ou adotados. Já o tipo de família monoparental é muito pequeno. Apenas uma família ou 3% do total da amostra se constitui de mãe e filhos. Estes números apontam também para uma discrepância entre os tipos de família existentes no bairro e a tendência nacional. No Brasil, segundo Berquó (1998) e Sorj, Fontes e Machado (2007), o número de famílias do tipo casal com filhos está em processo de declínio, embora represente ainda hoje mais de 50% do total, enquanto o tipo monoparental segue uma tendência de aumento.

É importante também ressaltar a relação entre a composição do grupo familiar e a chefia desses arranjos. Como podemos notar na tabela abaixo (TABELA 2), o número de mães chefiando seus núcleos familiares somam 4, o que perfaz um total de 12,1% da amostra. Devemos notar também que só em um caso a mãe é chefe do grupo em família monoparental, na qual o pai é ausente. Nos outros três casos a mãe lidera o núcleo mesmo quando este é composto de casal e filhos, com ou sem agregados. Este fato demonstra que a chefia feminina não é característica apenas de famílias monoparentais, embora essa seja uma tendência crescente no Brasil desde os anos de 1970, causada, sobretudo, pelo aumento no número de separações, divórcios, viuvez e novas formas de união ou prole sem casamento (BERQUÓ, 1998). Podemos notar também a ausência de famílias lideradas exclusivamente por pais ou monoparentais paternas. No mais, prevalece o tipo de família em que Pai e Mãe juntos dividem a responsabilidade de liderar o núcleo. Elas representam 87,9% do total.

#### **TABELA 02: Cruzamento entre as variáveis composição e chefia do grupo familiar**

Quem é o chefe do grupo familiar	Composição do grupo familiar					Total
	Pai, Mãe e filhos.	Pai, Mãe, filhos, nora e neto.	Mãe e filhos.	Pai, Mãe, filhos e sobrinho.	Pai, Mãe, filhos e cunhada.	
<b>A Mãe</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>4</b> <b>(12,1%)</b>
<b>O Pai e a Mãe juntos</b>	<b>27</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>29</b> <b>(87,9%)</b>
<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>33</b>

É importante também frisar o tipo de união ou condição civil destes casais. O número de famílias com pais separados é muito pequeno (apenas uma família ou 3,0%). Já os casais formados por algum tipo de união estável (amigados, que moram juntos, etc.) são a maioria da amostra. Eles representam juntos 60,6% do total, número bem elevado se comparado ao número de casais unidos formalmente através do casamento (36,4%).

Quando a variável é a idade de pais e mães das famílias desse bairro, notamos também que o grupo é bastante regular. Os dados mostram que pais e mães com 20 anos ou menos de idade somam apenas 3%. A idade média destes indivíduos está situada na faixa etária que vai dos 21 aos 40 anos, ou 66,6% dos pais e 78,8% das mães. Como podemos ver, as famílias do bairro são lideradas por indivíduos relativamente jovens, enquanto o seu número percentual começa a diminuir à medida que a idade avança, especialmente entre as mulheres. Os pais com idade acima de 40 anos até mais de 50 somam 33,3% do total, enquanto as mães somam apenas 18,2%.

Quanto à naturalidade, podemos notar que os pais são, na sua grande maioria, originários da região onde moram ou de regiões vizinhas. Entre os pais, 84,8% são naturais de Pocinhos, cidade onde residem atualmente. Os demais são nascidos em cidades próximas. Já entre as mães, 66,7% delas são nascidas também em Pocinhos enquanto as demais são originárias de cidades vizinhas ou de outras regiões. Como podemos notar, estes indivíduos conhecem por demais o seu local de vida. Majoritariamente foram aí criados e aí educaram ou educam os seus filhos. Desenvolveram com o lugar uma cumplicidade, construíram nestes espaços um estilo de vida próprio e peculiar.

Um outro dado importante é o nível de escolarização dos pais ou chefes desses grupos familiares. O número de pais e mães sem nenhum tipo de escolarização é bem elevado. Somam 39,4% dos homens e 15,2% das mulheres. Por outro lado, a maioria dos indivíduos

que avançaram no processo de escolarização não chegou a concluir o ensino fundamental. As mulheres são as que mais avançaram nesse nível de ensino. Entre elas, 78,8% possuem o fundamental incompleto, enquanto entre os homens o número é bem menor, 60,6%. Quando se trata do ensino médio, apenas algumas mães, bem poucas (duas, ou 6,1% do total) chegou a cursar, sem concluir esse nível de ensino. Entre os homens, nenhum deles conseguiu sequer chegar até aí. A tabela abaixo (TABELA 03) nos deixa ver melhor esses dados.

**TABELA 03. Níveis de escolarização dos pais.**

Nível de escolarização	Pais		Mães	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Não escolarizado/a	13	39,4	05	15,2
Ensino fundamental incompleto	20	60,6	26	78,8
Ensino médio completo	00	0,0	02	6,1
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>100,0</b>	<b>33</b>	<b>100,0</b>

Podemos notar que o nível de escolarização dos pais é bem mais baixo do que o das mães. De acordo com a tabela, podemos notar também que não há presença de pais e mães no ensino superior. Estes dados são importantes. Eles mostram que estas famílias dispõem de pouco capital escolar e cultural (além de um baixo capital econômico) para deixar como herança para seus filhos. Essas defasagens, por sua vez, se refletem nas estratégias adotadas por elas para acompanhar o processo de escolarização dos seus filhos, nas tomadas de decisões escolares pelos pais e no desempenho escolar de suas crianças. Fazendo um balanço da Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu, Nogueira e Nogueira (2002) demonstram, com base nas idéias desse autor, como a falta desses capitais influi diretamente nas estratégias de orientação da trajetória escolar dos filhos e nas tomadas de decisão quanto a sua escolarização. Quanto menor o nível de capital cultural dos pais maiores serão as possibilidades de fracasso escolar dos filhos. Segundo os autores, as referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos e apropriados, o conhecimento do mundo escolar e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças como cultura herdada, facilitariam o sucesso escolar.

Precisamos considerar também, nesse momento, o índice de escolarização dos meninos e meninas dessas famílias. Considerando que estes arranjos tem em média 3,5 filhos por grupo familiar, a média de escolarização dessas crianças é bem menor. Apenas 2,5% dessas crianças estão na escola. Por outro lado, embora 75,8% dos pais afirmem que nenhum de seus filhos abandonou os estudos - e isso nos mostra que, apesar da condição social e do

nível de escolarização dos pais, há de certa forma uma insistência quando a permanência dos filhos na escola – o número de crianças que abandonaram os estudos é relativamente alto, chegando 24,2% do total. Dentre as crianças que abandonaram os estudos, os dados mostram que 6,1% delas abandonaram para trabalhar. Estes números são importantes, pois nos permite estabelecer uma relação entre o nível de capital escolar e cultural dos pais (como vimos anteriormente) e a longevidade escolar de seus filhos, além de uma relação entre a quantidade desses capitais e as estratégias para manter ou não, e por quanto tempo, os filhos na escola.

A renda é uma outra variável que aponta para a uma regularidade estruturante dos agrupamentos familiares. Pela renda podemos inferir sobre a origem social desses grupos. Eles pertencem, majoritariamente, às classes ou camadas populares com renda menor ou igual a um salário mínimo (93,9%). As famílias que ganham acima de um até três salários somam apenas 6,1% do total. Isso implica dizer que as condições de sobrevivência desses agrupamentos é relativamente precária, obrigando essas famílias a desenvolverem estratégias diversas para complementar a renda familiar.

O nível de renda e formação cultural e educacional dos pais, por sua vez, se reflete no e é também reflexo do tipo de profissão que exercem. Eles possuem uma profissão de baixa remuneração, o que indica a origem social desses sujeitos e seu estilo de vida: pessoas simples, oriundas dos extratos populares. Além do mais, quando comparamos o nível de escolaridade dos pais com a profissão exercida pelos mesmos notamos que estes possuem, em sua maioria, atividades que não exigem um nível de escolaridade tão elevado, terminando por assumir profissões cuja remuneração é geralmente mais baixa. A maioria dos pais, cerca de 69,7% deles, são agricultores. Os demais desempenham outras atividades como moto-taxista, serviços gerais, entregador, pedreiro, oleiro, pescador, gari e padeiro. Já as mães, embora possuindo um nível de escolaridade um pouco superior ao dos pais, exercem também atividades do mesmo nível. As agricultoras são cerca de 66,7% do total, enquanto as demais se dividem entre as atividades domésticas, empregadas domésticas e auxiliar de serviços gerais.

Até aqui insistimos na origem e condição social dessas famílias, numa caracterização destes grupos e de seus membros, e em sua condição econômica, social e cultural. Agora investiremos numa caracterização do lugar social onde vivem esses atores coletivos, abrindo caminho para pensar em um estilo de vida próprio desses agrupamentos familiares.

No que diz respeito à caracterização do bairro do CONPEL, lugar social onde vivem essas famílias, os dados revelam que esses sujeitos vivem em condições precárias de sobrevivência e moradia. A comunidade que habitam não possui um sistema de coleta de esgoto nem de lixo. O que se vê é o esgoto correndo livre pela rua e o lixo sendo lançado em

um depósito improvisado no próprio bairro. É comum observar as crianças do lugar freqüentando o lixão, seja por divertimento, seja para coleta de material para reciclagem. Além disso, o bairro não dispõe de transporte coletivo regular, obrigando os seus moradores a se deslocar para regiões vizinhas em busca de transporte ou apelar para formas alternativas de locomoção. Os moradores também não dispõem de mercado público no bairro, o que os obriga a um deslocamento na hora de garantir o abastecimento da família, nem de associação comunitária, capaz de agregar os moradores em torno de lutas reivindicatórias. Afora essas deficiências de infra-estrutura, o bairro dispõe de um sistema de água encanada, de creche e de escola e disponibiliza um posto de saúde para o atendimento da comunidade.

Embora as condições de sobrevivência no bairro sejam precárias e a renda familiar desses agrupamentos seja muito baixa, a maioria das famílias possui casa própria. As famílias que dispõem desse bem somam 87,9% do total, enquanto 9,1% vivem de aluguel e apenas 3,0% vivem em casa emprestada ou cedida. Por sua vez, as casas em que vivem são todas construídas em alvenaria (100,0% de todas as residências) e, apesar de o bairro possuir um sistema de água encanada, apenas 87,9% das famílias tem acesso a esse bem. As demais residências (12,1%), por motivos econômicos, falta de pagamento, estão excluídas dessa benesse. Um dado importante diz respeito ao número de famílias que possuem reservatório de água em casa. Uma vez que, segundo as próprias famílias, o abastecimento de água não é confiável e está sujeito a sérias interrupções, ter um reservatório em casa é importante. Mesmo com esse agravante, apenas 39,4% das residências possuem caixa para armazenamento de água. Quanto se trata da forma de iluminação, 97,0% das residências possuem energia elétrica, enquanto apenas 3,0% das famílias dizem não possuir esse bem ou, por questões econômicas, o perderam. É importante ainda ressaltar que a maioria das casas possui banheiro interno (72,7% do total) enquanto que um número ainda elevado de lares não possui esse tipo de equipamento. Eles somam ainda 27,3% do total de residências.

A origem e a condição social dessas famílias, a posição que elas ocupam no espaço social e as condições materiais de sua existência se retraduzem diretamente no estilo de vida desses agrupamentos familiares. Os meios de transportes mais utilizados pelas famílias reflete bem essa relação entre condições objetivas de existência e estilo de vida. Apesar de se constituírem de famílias de camadas populares, de origem e condição social precária, é bastante significativo o número de famílias que possuem motocicleta. Cerca de 42,4% diz possuir esse meio de transporte. A moto, na verdade, virou uma febre entre as camadas populares e médias. É um transporte relativamente barato e as facilidades de compra são cada vez maiores. Além do mais podem ser adquiridas de segunda mão e, costumeiramente, servem de meio de transporte, instrumento de trabalho para muita gente e meio de distinção

social. Não seria errado afirmar que a motocicleta passou a fazer parte do estilo de vida das camadas populares, seja como posse, seja como meio de transporte alugado. Basta dizer que 60,6% dessas famílias usam o sistema de moto-taxi como forma regular de transporte. Além do uso da motocicleta, é relevante o número de famílias que se utiliza da bicicleta como meio de locomoção. Entre as famílias que participaram da pesquisa, 27,3% do total possui bicicleta em casa. Seja para trabalho, seja para diversão, a bicicleta faz parte da vida desses sujeitos. Para se ter uma idéia, 54,5% das famílias diz recorrer à bicicleta como meio de transporte regular.

Podemos também acessar o estilo de vida se considerarmos os bens materiais a que essas famílias têm acesso ou são portadoras e o uso que fazem desses equipamentos. A posse e o uso ou não do computador é bastante sugestivo a esse respeito. O computador não vai ser encontrado em nenhum dos lares que visitamos. É ainda um artigo de luxo para famílias que lutam pela própria sobrevivência. À ausência do computador corresponde um número também alto de indivíduos que não o utilizam ou não têm acesso a ele de forma alguma. Eles são 72,7% do total. O número dos indivíduos que tem acesso a esse bem, por sua vez, é muito pequeno. Apenas 27,3% de membros dessas famílias usam com certa regularidade o computador, e são geralmente os filhos (24,2%). Um outro dado parece importante. As *lan houses* confirmam aqui também o seu papel de democratizadoras do acesso ao computador. Entre as nossas famílias, 21,2% dos indivíduos que tem acesso a esses equipamentos o fazem nesses espaços.

No que diz respeito aos bens de consumo duráveis como os eletro-eletrônicos, a TV, presente em 93,9% dos lares, e o rádio, disponível em 69,7% das residências, são de longe os aparelhos de maior consumo doméstico. São, por assim dizer, bens de consumo mais massificados, que aparecem também como os principais meios de informação e entretenimento dessas famílias. Além da TV e do rádio, é bem alto o número de residências que possui aparelho de DVD (72,7%), aparelho de som com CD (45,5%) e antena parabólica (33,3%). Por outro lado, quando se trata dos eletrodomésticos o nível de consumo tende a cair. Nenhuma família possui forno microondas nem geladeira duplex. Apenas 3,0% das famílias possuem máquina de lavar e a posse de tanquinho é comum em apenas 15,2% dos lares. É baixo também o consumo de liquidificador (48,5%) e de geladeira comum (51,5%). Como podemos ver, o consumo de eletro-eletrônicos é bem maior que o de eletrodomésticos. Isso reflete um estilo de vida que investe mais em equipamentos de lazer e diversão, também equipamentos de maior apelo comercial, do que em bens que auxiliem no trabalho doméstico. Num universo social restritivo em termos de lazer e diversão é preferível investir numa TV e num DVD. O trabalho doméstico de uma forma ou de outra se resolve.



As atividades de lazer e as atividades desenvolvidas pelos membros dessas famílias nos finais de semana são também um termômetro para acessar o seu estilo de vida. A tendência ao desenvolvimento de certas práticas e atividades se traduzem em um princípio, em um estilo próprio do grupo, característico do lugar de vida social onde vivem.

Num município com poucas opções de lazer e de entretenimento, encontrar o que fazer nos fins de semana e feriados se torna uma tarefa difícil. Some-se a esta realidade o baixo poder aquisitivo desses grupos familiares. Na tabela abaixo podemos ter uma visão mais clara das atividades que estes agrupamentos familiares costuma desenvolver no fins de semana (TABELA 04).

**TABELA 04: Atividades desenvolvidas nos fins de semana e feriados**

<b>Atividades</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Ficar com a família ou parentes	30	90,9
Fazer tarefas domésticas	33	100,0
Viajar	02	6,1
Ir a festas, shows ou barzinhos	10	30,3
Assistir TV	30	90,9
Visitar ou estar com amigos	17	51,5
Assistir partidas de futebol	03	9,1
Participar de atividades religiosas	29	87,9

Como podemos ver, são poucas as alternativas em relação ao que fazer nos fins de semana e feriados uma vez que as opções de lazer e entretenimento são bastante restritas. Podemos notar que as atividades mais citadas são aquelas realizadas corriqueiramente, as do dia a dia, e não representam alternativas em relação às obrigações consideradas cotidianas. Fazer as tarefas domésticas, por em dia essas atividades (100,0%), assistir TV (90,9%) e ficar com a família ou com parentes (90,0%) são as atividades mais comuns. Além delas, aparecem também as atividades religiosas com 87,9% do total de respostas. Visitar ou estar com os amigos é também uma alternativa para estes dias. Podemos notar que 51,5% das famílias recorrem a este expediente. Uma outra alternativa é ir a festas, shows ou frequentar barzinhos (30,3%). Entre as camadas populares se produz um *habitus* que se traduz em um estilo de vida

“[...] fortemente marcado pelo sentido da necessidade e da adaptação a essa necessidade” (BONNEWITZ, 2005. p. 84).

As preferências e hábitos culturais refletem também o lugar social desses agentes e se traduzem em um estilo de vida próprio. Podemos notar essa tendência quando analisamos a questão da informação e dos meios preferidos para se manter informado. Entre as famílias que participaram da pesquisa, quando o negócio é informação, eles recorrem principalmente à televisão. Em 90,9% dos lares é pela TV que chega a notícia e que se tem contato com o mundo. Depois da TV, a informação, e também o entretenimento e a diversão, chegam preferencialmente através das ondas do rádio. Para 63,6% das famílias é através do rádio que se fica sabendo o que acontece. O jornal e a revista, por sua vez, não foram sequer citados como meios de informação.

Quando olhamos para as preferências por programas de TV, notamos que existe também uma forte regularidade nas práticas culturais dessas famílias. Vejamos a tabela abaixo (TABELA 05).

**TABELA 05. Preferência por programas de televisão**

<b>Tipo de programação preferida</b>	<b>Freqüência</b>	<b>Porcentagem</b>
Telejornais	28	84,8
Novelas	31	93,9
Programas humorísticos	16	48,5
Programas de auditório	27	81,8
Filmes	25	75,8
Programas esportivos	21	63,6
Programas religiosos	25	75,8
Programas educativos	21	63,6
Desenho animado	32	97,0
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>100,0</b>

Pela tabela podemos notar essa regularidade. Os desenhos animados são o tipo de programação mais assistida nesses lares com 97,0% do total. Isso se explica, em parte, pelo

elevado número de crianças que compõem o ambiente familiar. Em seguida, a preferência maior é pelas novelas. Estas aparecem com 93,9% da preferência, o que confirma a força desse gênero televisivo no Brasil. Em seguida vêm os telejornais. Estes são assistidos por 84,8% das famílias, seguidos de perto pelos programas de auditório com 81,8%, os programas religiosos e os filmes com 75,8% cada um deles.

No que diz respeito ao gosto musical, podemos destacar que este é bastante diversificado. Essas famílias costumam ouvir principalmente músicas religiosas. Os dados mostram que 84,8% deles costumam ouvir esse tipo de música. Estes números são importantes pois revelam a força da religião na vida dessas famílias. É possível perceber que, assim como a música, os programas religiosos na TV são bastante assistidos por esses indivíduos. Isso demonstra uma tendência crescente de investimento religioso na mídia (TV, rádio, revistas, Cds, etc.) e a incorporação da religião como produto cultural entre essas famílias. Em seguida aparece na preferência musical um ritmo regional, o forró, com 81,8% do total, o que reforça a força desse gênero musical entre as famílias nordestinas. Foram citados ainda o brega, gênero preferido por 69,7% dos sujeitos, A música sertaneja, ouvida por 57,6% das famílias e o samba, o pagode e o axé com apenas 27,3% da preferência. Em relação à música popular brasileira, a MPB, o gênero foi pouco preferido. Apenas 24,27% dos sujeitos afirmaram ouvir este gênero em suas casas.

Quanto à participação dessas famílias na vida política podemos notar que ela é ainda muito pequena. Apenas 6,1% são filiados a algum partido político, enquanto que 12,1% desses sujeitos estão filiados a algum sindicato profissional, especialmente ao sindicato dos trabalhadores rurais. Entre os filiados, o grau de envolvimento com o sindicato é muito pequeno. Todos eles dizem participar pouco ou muito pouco das atividades do sindicato. Um dado que chama a atenção é o fato de as mulheres, as mães dessas famílias, serem as que participam em maior número dessas associações. Elas são quatro filiadas contra apenas um pai.

Já no que diz respeito à religião, grande parte das famílias é constituída de católicos. Eles são 81,8%, o que confirma uma tendência nacional. Logo em seguida vêm os evangélicos com 9,2% do total, confirmando também uma tendência de crescimento das religiões evangélicas no país. Existem também aquelas famílias em que seus membros se dividem quanto à religião. Os que afirmam que a família é parte evangélica e parte católica soma outros 6,0% e os que dizem não ter uma religião definida representam apenas 3,0% da amostra. Dos que afirmam seguirem alguma religião, a maioria participa ativamente das atividades religiosas desenvolvidas por suas igrejas. Em 24 famílias ou em 72,7% delas alguém ou mais de uma pessoa participa ativamente dessas atividades. Isto vem reforçar mais

uma vez a força da religião na vida dessas famílias. Dentre as atividades que mais envolvem esses indivíduos podemos citar a participação nas celebrações e nos grupos de liturgia, as atividades da pastoral, a participação na catequese, nas novenas e nos terços.

### 3. Referências

BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida**. In: ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu: sociologia. *Grandes Cientistas Sociais*, n. 39. Renato Ortiz (Org.). São Paulo: Ática, 1983c. p. 82-121.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**. Ano XXIII, n. 78. Abril/2002. p. 15-36.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle Carusi. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. V. 37. n. 132. p. 573-594. Set/dez. 2007.